

A LINGUA(GEM) EM LOBATO *

ELIANA YUNES

A questão da linguagem em literatura se coloca hoje semioticamente, para além dos fatos meramente lingüísticos. Uma vez que a arte, enquanto linguagem, se constitui num sistema modelizante secundário, no dizer de Iuri Lotman,¹ a correlação de seus signos não se dá meramente ao nível de combinatória sintagmática das unidades de língua dicionarizadas.

A língua em si, reconhecemos desde Sapir-Whorf, recorta antropoculturalmente o universo, dando-lhes uma configuração peculiar no sistema de representação que faz do real. Se assim não fosse, a tradução não se constituiria numa obra de recriação do texto, guardada a mesma ótica do original.

Deste modo — e não apenas porque a literatura utiliza os mesmos signos da língua (o que certamente torna mais complexa esta relação) os signos de um texto literário semantizam-se no interior do próprio sistema e neste caso será necessário buscar as regras combinatórias que articulam a formação do sentido da obra.

Aqui, ao contrário do discurso cotidiano, ocorre “a indivisibilidade da idéia e da estrutura do texto que lhe corresponde”. Neste caso, uma certa informação não poderá ser transmitida fora de uma dada estrutura, porque a idéia em arte torna-se um modelo, ao reconstituir uma imagem da realidade; por isto mesmo fora desta estrutura ela não se sustenta.

Ocorre que os signos artísticos não têm um caráter convencional mas icônico e figurativo, o que dilata os limites e o próprio conceito de signo, tomado à lingüística. Semiologicamente

* Roteiro de estudo para o curso monográfico de Literatura Infantil, realizado na Faculdade de Filosofia de Campos, março de 1980.

1 LOTMAN, Iuri. “L’art en tant que langage”. In: *La Structure du texte artistique*. Paris, Gallimard, 1973.

falando, "o texto é um signo acabado e todos os signos isolados do texto se tornam elementos do signo".

Por isto o texto literário, dito multívoco ambíguo, polivalente, confere a cada leitor uma informação particular, segundo sua perspicácia e habilidade de identificar e correlacionar os elementos significantes, sempre renovadas a cada releitura.

Como se pode deduzir, uma maior ou menor proximidade com o texto da realidade vai tornar o texto literário, mais ou menos complexo, isto é, à densidade de informação que carrega corresponde uma transparência maior ou menor com o discurso usual. É neste sentido mesmo que a obra literária infantil tem sido apontada como menor, já que com freqüência, para ser alcançada por seus específicos leitores, tenderia a deslocar a opacidade em favor da apreensão da mensagem pelo receptor. O que em verdade se coloca é um falso pressuposto de leitor — criança só entenderia o óbvio — e a inabilidade artística do autor inexperiente para trabalhar a riqueza da linguagem na perspectiva (leia-se interesse) da infância. A psicanálise vem mostrando, já há algum tempo, a riqueza de percepção e fabulação da mente infantil, ainda não corrompida pela lógica do homem adulto.

Quais seriam pois os elementos "semantizáveis" de um texto literário? Se o texto literário é um signo em si, todos os seus elementos seriam ainda que sintático, a um determinado nível de sua hierarquia, será semântico em um outro. Em outras palavras, a relação narrador (narração) e receptor não apenas se dá linearmente, mas corresponde em uma segunda articulação a um significante próprio do texto e como tal passível de inserção semântica.

Vejamos o que ocorre com Lobato, ainda que brevemente.

O narrador dos textos infantis, pelas disposições culturais de nossa sociedade, é representado pelo adulto ou por uma sua voz alternativa que define bem as relações de poder: adulto/sábio X criança/ignorante, donde o saber é privilégio dos "crescidos" que generosa e interessadamente o transferem aos "carentes". Lobato, por sua perspectiva idealista de reformador do mundo, não pode negar — aliás, o declara explicitamente — sua intenção de contribuir para a formação de novas gerações.

Contudo, um texto que pretendesse ver criticamente o mundo e ao mesmo tempo dar as coordenadas para sua compreensão (e conseqüente ação) poderia incorrer ao inverso simétrico do modelo educacional vigente. Como Lobato pretende atacar este modelo, teve que se precaver quanto ao ponto de vista do narrador, comumente onisciente, já que sua visão adulta lhe confere um alcance maior dos dados reais.

Ao constituir o universo do Sítio do Pica-Pau Amarelo, Lobato rejeita a tradicional estrutura familiar (pai, mãe, filhos) e com isto afasta o autoritarismo patriarcal (refletindo ao nível político). Para substituí-la, não bastou uma decidida preferência pela figura feminina — D. Benta e Tia Nastácia — mas sua configuração como avó e uma velha doméstica, pela idade e situação, “permissivas” além do habitual. A voz que alterna com elas será de um sábio Visconde... de Sabugosa, sabugo de milho nascido da própria fantasia infantil e por isto mesmo atenuado em seu caráter de transmissor do conhecimento.

Por isto mesmo a voz do narrador não é unidirecional nem cativa. Ao contrário, embora tenha narrador e 3.^a pessoa, o discurso permite a inserção de outras vozes, em discordância, quer pela irreverência de Emília, quer pela divergência de Pedrinho ou Narizinho. O próprio narrador, sem se tornar incoerente, ajusta continuamente o julgamento dos fatos, explicitando sua posição e referindo-lhe as fontes e fundamentos. Assim como às crianças-personagens, ao leitor abre-se a possibilidade de uma participação na narrativa pela catarse desencadeada.

Deste modo Lobato escapa do risco de reduplicar o modelo do sistema com sua voz monocórdia e centralizadora e atinge ao mesmo tempo o cerne de sua intenção pedagógica — a formação da instância crítica. Realiza pois simultaneamente, o questionamento das “verdades” e o desmascaramento do próprio processo da persuasão: se assim não fosse, seu texto teria valor meramente pedagógico.

Contudo, para que seu projeto seja realizável — influi na formação de espíritos livres e com iniciativa própria — o autor afastará qualquer dogmatismo em prol da análise, capaz de explicitar a melhor atitude em cada circunstância. O que Lobato realiza em verdade é o descentramento na linguagem.

Em nome deste princípio, que visa um conhecimento crítico da realidade, paradoxalmente lança mão com muito desembaraço do mundo da fantasia, produzindo uma curiosa e rica interação entre as personagens do Sítio as de outros textos e de outras realidades.

A nível estrutural, isto é, a colocação em prática de sua teoria — a verdade é filha do descentramento e a sabedoria consiste na recusa dos preconceitos e na aproximação das diferenças: não há qualquer intuito de uniformidade mas antes a diluição das fronteiras e o intercâmbio de culturas que afinal transformam o Sítio numa miniatura do mundo reformado.

Reformador ou revolucionário. Quer por origem, quer por formação e experiência de vida, Lobato não chega a romper com a ordem “natural” das coisas, donde o consenso e o idealismo

prevalecem como soluções. Mesmo assim, se existe estereótipos em seu texto, ele é intencional, para que se manifeste a ironia, a crítica e até mesmo por vezes a paródia desveladora da ideológica.

Mas a questão da lingua(gem) em Lobato é mais complexa. Afastado o solipsismo é, no entanto, forçoso reconhecer que a língua não remete ao mundo exterior mas antes explicita seu valor de referência em consideração às demais unidades significantes do sistema. Contudo, o uso convencional promove o destaque e a memória perde a origem de uso da expressão. Lobato recupera etimologicamente a força inicial de significação, o que descobre o aspecto analógico da palavra, a imagem em que se radica o sentido e, paralelamente, reconstitui a raiz retornando às origens. Aqui, também, o afastamento do modelo não é a sua negação mas a exigência de uma retomada de fidelidade aos princípios.

A cruzada contra o conservadorismo anacrônico e superficial tem como alvo favorito a retórica tradicional, "a literatura" que ele procura parodiar, para mostrar o avesso vazio.

É o mesmo mecanismo, agora em sentido inverso, (construção ao invés de desconstrução) que vai propiciar uma certa originalidade lingüística capaz de contribuir decisivamente para instaurar o maravilhoso de forma lúcida no texto. A criatividade vocabular de Lobato — além de inserir um humor particular no texto — remete ao modelo de inventividade que ele preconiza para as novas gerações.

Se a linguagem de Lobato não alcança a contra-ideologia na série literária, a língua mereceu demorada atenção de seu espírito inovador. A surpresa da crítica com o vocabulário de Guimarães Rosa encontra em Lobato um antecedente em termos de criatividade. Ambos de léxico regionalista diferem no entanto quanto à estrutura do discurso, que Lobato necessitava mais lógico e transparente, menos pelo receptor e mais como suporte de sua concepção de mundo e de seu papel de escritor.

Lobato abusa do caráter lúcido da língua e as regras mais escritas da formação de vocábulos são enriquecidas pela ampliação de suas experiências expressivas. O caráter coloquial de sua narrativa, freqüentada por construções populares, vai permitir uma das normas e surpreender o leitor com a força de expressão que desencadeia.

Senão vejamos:

Emileida — odisséia de Emília, por analogia à Eneida.

Bichidade — por analogia à humanidade.

Vossa Lobência — por analogia à vossa Excelência, referindo-se ao Lobo.

Amarelismo (chineses), greguismo (gregos) — por analogia a comunismo, capitalismo.

Tortura (qualidade do torto) — por analogia à altura.

Gental — adjetivo relativo à gente, por analogia a animal.

Asneirante — por analogia a falante, pensante.

Os processos variam e se estendem a verbos e advérbios:

- 1) josefar (Gramática, 24) petroliza (Geografia, 82)
- 2) bem feitíssimo (Peter Pan 93), "madamíssima" (Quixote, 170)
- 3) coisa-ruizinho (Saci 26), pretinha e assinzinha (Memórias, 45).

A criatividade não conhece limites:

- 1) "bis-ótimo"
- 2) "desacontece", "descarneirar"
- 3) "impegáveis", "incheiráveis"

A invenção de palavras não se restringe ao campo derivação mas brinca de composição, seja ao gosto concretista, seja no melhor estilo da erudição:

- 1) mando-peixe, envelope-concha
- 2) soco-vai, vai-pontapé, tome-cabeçadas
- 3) rabicauro (rabicó+centauro)
- 4) bovínica, periquiticídio
- 5) borboletograma, olhómetro

O humor é a licença poética para alguns absurdos gramaticais especialmente quanto aos femininos e plurais.

- 1) peixa, caramujas, chefas, Floriana Peixota
- 2) peses de tartaruga

Mas a sutileza lingüística de Lobato não se reduz à gramaticalidade de cartas (construções). Sobretudo, é na originalidade do sentido que se revela sua contribuição à originalidade do discurso. Aí também a presença do humor e o espírito crítico estão presentes: a livre associação especialmente frequente em Emília contribui para alterações semânticas que vão do neologismo ao provérbio. Aliás, suas reformas vão do real (Reforma da Natureza) à Linguagem (Emília no País da Gramática). E ela bem teve com quem aprender... com Lobato, é claro.

Narrador "— Por bem ou por mal iam *conquistando*, que é como o europeu chama este roubo das terras alheias" (Geografia de D. Benta, 171).

Emília "— até parecem europeus..." (História do Mundo para as crianças, 209) reflete revoltada com índio que mataram Magalhães.

Narrador "— Verbo é uma palavra que muda muito de forma e serve para indicar o que os substantivos fazem. A maior parte dos verbos assumem sessenta e cinco formas diferentes."

Emília "— Neste caso— são os camaleões da língua — observou Emília." (Emília no País da Gramática, 53).

Como se vê, seja no nível da história, seja no nível da língua, Lobato/narrador toma-as como sinais de algo que as ultrapassa: a história é recontada não apenas pelos heróis mas pela denúncia dos vazios que a linearidade não recobre; o debate sobre a língua existe em função do discurso em si e uma crítica do que não é funcional na gramática corresponda ao des/masqueamento da retórica.

Sem romper ideologicamente com as raízes — e neste sentido não será um modernista — Lobato renovou a perspectiva de sua projeção na prática através de seu texto e portanto de sua linguagem — e neste sentido permanece moderno, atual.